



Muito se tem falado no sector do vinho em Portugal. Inclusive o seu peso no PIB e nas exportações. Mas será que Portugal pode, realmente ser competitivo no sector do vinho no mercado global?

A Europa tem visto, nos últimos 10 anos, uma significativa redução da área de vinha, sendo os protagonistas a França, a Itália e a Espanha. Esta tendência de redução também se tem vindo a observar em Portugal. Por outro lado, os países do Novo Mundo (Argentina, Chile, EUA, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul) têm aumentado

uma estratégia suportada no custo, quando temos o pior rendimento de produção quando comparado com os nossos concorrentes produtores de vinho, ou seja, provavelmente Portugal é o país que tem a viticultura mais ineficiente e com um dos maiores custos de produção de uva de todos os países referidos. Mas porquê?

A estrutura fundiária do sector é o reflexo da propriedade do país. Portugal tem uma exploração média de vinha de 0,8 ha, enquanto em França e Espanha as explorações são, pelo

Pode Portugal ser competitivo no mercado global de vinho?



Manuel Rocha
CEO Adega de Borba

as suas áreas de vinha. Nos chamados países tradicionalmente não produtores de vinho, a China é, de longe, a que maior área de vinha tem, sendo igualmente quem apresenta maiores taxas de crescimento na sua plantação. Outros países como o Peru, o Brasil, a Índia, o Egito e o Canadá também têm investido fortemente no aumento das áreas de vinha nos últimos anos. Em termos globais, a tendência é de diminuição da área de vinha mas esta não se repercute diretamente na produção de uva, pois o rendimento médio de produção das vinhas no continente Americano, Asiático, Africano e Oceânia são, na totalidade dos casos, superiores aos rendimentos de vinhas na Europa. Só para dar um exemplo, o rendimento das vinhas no continente Americano é, em média, o dobro das vinhas na Europa. No entanto, e apesar de estar a perder terreno nos últimos anos para os países do Novo Mundo, a Europa ainda é responsável por quase 2/3 da produção mundial de vinho. França, Itália e Espanha, além de serem os maiores produtores de vinho da Europa, também o são a nível mundial. Seguem-se os EUA, a China, a Austrália, o Chile, a Argentina, a África do Sul e a Alemanha. Portugal aparece em 10.º lugar, à frente da Roménia, Grécia e Brasil.

Volto a colocar a questão inicial, e sendo Portugal o 10.º maior produtor de vinho, pode ser competitivo à escala global? Para ser competitivo, há que ter vantagens competitivas. E só existem duas estratégias possíveis: ou em termos de custo, ou em termos de diferenciação. Uma breve e rápida análise permite verificar que Portugal dificilmente é competitivo com uma estratégia suportada nos custos.

Em média, o rendimento de uma vinha em Portugal é de 23 hl/ha. Em França é de 63 hl/ha, em Itália é de 55 hl/ha e em Espanha é de 32 hl/ha. Analisando o continente Americano, temos rendimentos de vinha na ordem dos 71 hl/ha na Argentina e de 51 hl/ha no Chile. A África do Sul apresenta rendimentos de 71 hl/ha e a Austrália e a Nova Zelândia, 64 hl/ha. Resumindo, nunca poderemos ambicionar ter

menos, cinco vezes maiores, isto é, 5,4 ha e 4,3 ha, respetivamente. Nem ousar comparar a nossa estrutura fundiária com a dos países do Novo Mundo. Como se pode imaginar é impossível Portugal ter uma viticultura eficiente com esta dimensão de parcelas de vinha. Por exemplo, nas Beiras, a área média de parcela é 0,14 ha e no Minho é de 0,17 ha. Mas a dimensão das parcelas não é o único problema. A idade das vinhas é de igual modo importante. Por exemplo, no Minho mais de 70% das vinhas tem mais de 40 anos e no Douro e Beiras este valor é superior a 60%. Em média, metade das vinhas em Portugal tem mais de 30 anos. Mas este padrão não é transversal a todas as regiões.

Sem dúvida que o Alentejo consegue apresentar alguma vantagem em termos de eficiência na viticultura, a começar pela estrutura fundiária tipicamente com uma área de cultivo de maior dimensão. Ainda que muito abaixo da média espanhola e francesa, a parcela média no Alentejo é de 1,5 ha, quase o dobro da média nacional. Também, e devido ao facto de ser uma das regiões demarcadas mais recentes, mais de 50% das suas vinhas tem uma idade média inferior a 25 anos, evidenciando-se um maior rendimento das explorações mas, acima de tudo, uma produção com uma qualidade acima da média. Sem dúvida que o aumento da dimensão das parcelas, a sua mecanização, incluindo necessariamente a vindima, a melhoria do sistema de condução, a instalação de rega de acordo com o tipo de solo e a escolha de castas com potencial de qualidade são obrigatórios para a sustentabilidade da atividade vitivinícola, ou seja, a reestruturação das vinhas velhas é um caminho obrigatório. Infelizmente, não se vislumbra de todo que a viticultura evolua neste sentido de uma forma geral, o que, inevitavelmente, vai levar ao definhamento de muitas explorações e, consequentemente, regiões. Mas a dimensão da parcela e idade das vinhas é apenas uma das variáveis em jogo na competitividade do sector, muitas outras importantes existem, mas essa análise fica para uma próxima oportunidade.

